



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## A LEITURA FRENTE À FORMAÇÃO DO CIDADÃO

IVONALDO PEREIRA DE LIMA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

**RESUMO** Atualmente, há uma grande necessidade de ambientes escolares que permitam desenvolver uma prática de ensino que objetive a formação de um aluno/leitor consciente de seu compromisso com o seu próprio conhecimento, principalmente porque, no contexto atual, vários são os debates em torno do processo de trabalho com leitura e sua importância para o desenvolvimento do cidadão. Assim, o trabalho com leitura deverá objetivar a formação sociocultural e intelectual com vistas a integrar o aluno à vida social. Neste propósito é que este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de Alagoas, situada na zona urbana do município de Igaci, tendo como informantes 02 (dois) professores e 33 (trinta e três) alunos da referida escola. Para a coleta de dados, utilizaram-se dois questionários (um para cada categoria apresentada). A interpretação dos dados compreendeu a leitura das respostas obtidas e o diálogo estabelecido com o referencial teórico na perspectiva de Cagliari (2002), especificamente. Ressalta-se, no entanto, que a pesquisa é do tipo etnográfica, de cunho bibliográfico e descritivo, numa abordagem qualitativa e que, para fundamentação teórica, também, utilizaram-se os trabalhos de Cagliari (2005), Silva (1990/1999), Lois (2010), Geraldi (2006) dentre outros. Os resultados revelaram que os professores ainda trabalham a leitura de forma tímida, mas acreditam no potencial do ato de ler e os alunos, em sua maioria, gostam de ler, apesar das dificuldades e o pouco hábito que possuem, acreditando que a leitura é o passaporte para uma boa formação cidadã. Portanto, formar um leitor crítico não depende só de colocar o aluno para ler, mas de um ambiente familiar e escolar que incentive a leitura. Palavras-chave: Leitura. Família. Escola. Conhecimento. Cidadania.

**ABSTRACT** Currently, there is a great need for school environments in order to develop a practical

education that aims at training a student / conscious reader of your commitment to your own knowledge, mainly because, in the current context, there are several debates surrounding the process work with reading and its importance for the development of the citizen. So, work with reading should aim to socio-cultural and intellectual formation in order to integrate the student social life. This purpose is that this work presents the results of a survey on the 9th Elementary School of the Year of a public school in the interior of Alagoas, located in the urban area of the municipality of Igaci, and as informants two (02) teachers and 33 (thirty three) of said school students. To collect data, we used two questionnaires (one for each category shown). Interpretation of the data included the reading of the answers and the dialogue established with the theoretical framework from the perspective of Cagliari (2002), specifically. It is noteworthy, however, that the research is ethnographic, bibliographic and descriptive nature, a qualitative approach and to theoretical foundations also were used in the work of Cagliari (2005), Silva (1990-1999) Lois (2010), Geraldi (2006) among others. The results revealed that teachers still work reading timidly, but believe in the potential of the act of reading and the students, mostly like to read, despite the difficulties and little habit they have, believing that reading is passport to a good citizen training. Therefore, form a critical reader depends not only to put the student to read, but a family and school environment that encourages reading. Keywords: Reading. Family. School. Knowledge. Citizenship.

**INTRODUÇÃO** É notório que o cidadão faz uso da leitura cotidianamente em diversas situações conforme a sua necessidade e que a leitura pode variar de acordo a finalidade, pois, seja no trabalho, na escola, no lazer ou em casa, cada uma tem um objetivo específico e requer certa habilidade do leitor. Então, a formação do leitor deve se iniciar logo no seio familiar e prosseguir no âmbito escolar, processando-se ao decorrer do tempo, tendo como mediador, na escola, o professor, em quem se espera encontrar a orientação para ampliação do conhecimento. O leitor deve ser compreendido como aquele que estabelece uma relação aprofundada com a leitura e seus significados, não apenas se relacionando de modo mecânico e superficial com o texto, mas despertando, desde logo, o interesse pela leitura e percebendo que é através da leitura que adquirirá uma boa formação. É importante também destacar que o desafio a ser enfrentado pelos professores, durante o trabalho com a leitura, deve contar com a parceria e/ou apoio da família e com um ambiente escolar que estimule o gosto pela leitura. Hoje, vivenciam-se, no âmbito educacional, vários questionamentos sobre o trabalho com leitura, seja para delegar responsabilidade a escola, seja para a família. Contudo, o importante é saber que só se tem um país desenvolvido se houver educação de qualidade e, para que isso ocorra é preciso que todos saibam ler e compreender o que está escrito e socializar as informações contidas no texto. Dessa forma, ter-se-á um aluno/leitor capaz de fazer suas próprias escolhas, posicionando-se

criticamente perante a sociedade. Portanto, não existe fórmula mágica para levar o aluno a ser um bom leitor, contudo, existem caminhos que podem auxiliar no despertar para leitura. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo mostrar que a leitura pode favorecer a formação do cidadão, partindo-se da hipótese de que os professores estão investindo muito na leitura, pressupondo que, muitas vezes, em casa não há esse hábito. A pesquisa justifica-se pela observação de que, mesmo expostos à leitura o tempo todo, verbal ou não verbal, os motivos são muitos para que algumas leituras sejam priorizadas e outras de vital importância para o dia a dia do aluno. Para fundamentação desta pesquisa, de cunho bibliográfico e etnográfico, buscou-se informações em diversos autores que já têm trabalhos sobre o assunto, especificamente em Cagliari (2002/2005), Silva (1990/1991), Lois (2010), Geraldi (2006) dentre outros. A análise qualitativa baseia-se nas respostas dos informantes de uma escola da rede pública de Igaci, Alagoas. Espera-se com esta pesquisa contribuir para compreensão da importância de incentivar desde cedo a leitura, seja em casa ou na escola, e, para que o professor que leia este trabalho compreenda que deve auxiliar os alunos a descobrirem o gosto pelos diversos tipos de leitura. Espera-se ainda que sirva de referência para trabalhos posteriores sobre o tema e as questões que o envolvem. **1 A LEITURA E A FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DO ALUNO** Vivenciar a prática da leitura ou o ato de ler na escola é remeter-se a um mundo textual riquíssimo, através de mecanismos que levam a desenvolver o ato de ler. E a escola não pode negligenciar esse ato, considerando que a leitura é de grande potencial na formação sociocultural do cidadão e precisa constituir-se na vida das pessoas como algo prazeroso que leve ao exercício da cidadania com responsabilidade e compromisso. No Brasil, a prática de leitura em relação a outros países ainda é baixa, muitas vezes porque as crianças só iniciam essa prática na escola, pois em casa há ausência do hábito de ler. Muitos pais alegam que eles próprios não leem por diversos motivos: por falta de tempo; porque não gostam; por não terem livros em casa; por não entenderem o que leem e tantas outras respostas. Assim, a maioria dos alunos chega às escolas sem ter sido ensinada a gostar da leitura, uma vez que não foi incentivada no seio familiar. Os reflexos desse não gostar é perceptível quando, na escola, é solicitada uma interpretação de um texto. Na maioria das vezes, constata-se que os alunos não conseguem o considerado básico no processo de leitura – a leitura superficial. Eles apenas decodificam o texto, reconhecem as letras, as palavras e as frases, identificam a pontuação e acentuação, para modular a voz em conformidade com elas, mas não acessam o significado do texto, não conseguem dizer o que foi possível compreender do texto. Sobre este aspecto, Cagliari (2002, p.150) afirma que:

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do

que leu.

Pode-se depreender que para a leitura é importante não apenas entender o código, mas ir além das linhas e entrelinhas do texto, buscando os significados e ressignificando-os quando for necessário para a vida, enquanto leitor e cidadão em formação. Compreende-se que muitas vezes não se chega ao esperado porque o aluno, mesmo interpretando o texto, não se sente à vontade para expressar a opinião, por medo de errar e ser criticado pelos demais. Então, a escola também precisa trabalhar o aluno para que ele não se cale na escola e na vida. Desta forma, trabalhar um ser leitor é compreender situações que contribuem para a formação cultural do indivíduo, ou seja, "[...] é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas" (SILVA, 1991, p.79-80). É proporcionar atividades que possam contribuir para a formação do sujeito e também determinar a atuação deste no próprio meio sociocultural. Acredita-se que o leitor deve ser formado inicialmente ainda na família, por isso grande é a importância dos pais como parceiros na consolidação do interesse dos filhos pela leitura. E, cabe à escola dar continuidade ao processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Quando isso não ocorre, todo processo é começado tardiamente. Para Kleiman (1998, p.61),

o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno. É comum observar nos textos dos alunos recortes ou, quando muito, uma paráfrase mal feita do que foi lido, sem uma reflexão que justifique uma concordância ou uma oposição ao foi dito pelo autor. Isso é perigoso, porque todo discurso tem uma carga ideológica que pode influenciar o leitor a determinado comportamento, sem ao menos refletir sobre a própria postura e, por vezes, tendo consequências desastrosas. O atraso na introdução do indivíduo ao mundo da leitura retarda a visibilidade textual, fazendo com que na escola haja certa discrepância em relação aos alunos que tiveram acesso à leitura ainda em casa com o incentivo dos pais. Nota-se que são poucos os bons leitores que tiveram sua iniciação apenas na escola, sem o incentivo e apoio dos pais. Cabe ao professor, então, desenvolver no aluno a habilidade para

a leitura, utilizando metodologia e estratégia adequadas que possam garantir a formação de um aluno leitor. Cagliari (2005, p. 148) define a leitura como atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação do aluno como cidadão, um sujeito leitor. Portanto, a escola não pode fugir de sua responsabilidade de tornar o aluno um leitor competente, por a família não motivar os filhos a lerem, porque os indivíduos leem na escola e fora dela, seja a leitura textual, numérica, gestual, corporal, ou de qualquer outra natureza. Constata-se, então, que diversos são os tipos de leitura, seja ela verbal – na qual se lê a escrita – ou não verbal – lendo tudo o que comunique e não utilize a escrita. Também, a leitura não se faz somente por meio de livros e/ou impressos, mas pode ser realizada através da leitura realizada de outra pessoa; recontos – como é o caso das tradições orais; e até mesmo através dos diálogos entre terceiros. A leitura pode ocorrer na forma verbal, cujos portadores textuais sejam impressos (a exemplo da carta, bilhete, notícia de jornal, receitas, bula de remédios, poesia, contos de fada, fábulas etc.); não verbal (como gesto, escultura, pintura, dança e tantos outros meios) e, por vezes, pode ser mesclada, a exemplo de HQs (Histórias em Quadrinhos). Frente a isso, para o que o professor alcance êxito em seu trabalho docente precisa saber escolher bem o tipo de texto que quer trabalhar, utilizando textos completos, bem escritos e seguidos de fonte, pois textos fragmentados podem dificultar a compreensão e comprometer a qualidade do processo ensino e aprendizagem. Cagliari (2002, p.155) enfatiza, também, como obstáculo à leitura, a questão dialetal:

[...] quando algumas pessoas são solicitadas a ler, envergonham-se, dão desculpas dizendo que não sabem ler direito etc. Isso porque a leitura oral, falada, é vista, em geral, devido aos preconceitos linguísticos da sociedade, como devendo ser a realização plena do dialeto-padrão no seu nível mais formal. Essa expectativa, somada ao fato de as pessoas saberem que em sua fala e leitura particular dizem palavras com as características dialetais que são malvistas pelo dialeto-padrão as inibe ao lerem, não porque não saibam ler, mas porque tem vergonha do próprio dialeto, um preconceito que a escola nunca desfez, ao contrário, sempre incentivou. A escola deve valorizar a variedade linguística do aluno, seja com relação ao sotaque seja por o aluno apresentar as variações linguísticas de seu meio, desconhecendo ainda a linguagem considerada culta. O mais importante é fazer com que o

aluno leia e interprete o que foi lido; aos poucos, o professor irá trabalhando os desvios gramaticais. É necessário que seja trabalhado em sala de aula, também, o que os alunos acessam no rádio, na televisão, na internet; que se discutam as entrelinhas do discurso, que se faça uma leitura da leitura realizada por outro, pois muitas ideologias estão embutidas em programas, músicas, desenhos, que levam a uma postura alienante, que buscam seguidores, que não discutam, mas simplesmente cumpram o que é proposto: compre isso, comporte-se desta forma, esqueçam-se do mundo, das pessoas, do que você acha correto ou não. Dessa maneira, Cagliari (2002, p.155 e 156) afirma que:

Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. Entende-se que ouvir a fala exige raciocínio rápido, sem tempo para grandes imaginações, porque não se pode repeti-la sem mudanças, diferentemente de ler ou ouvir a leitura, que exige pensar o contexto, as personagens, as letras e palavras que a compõem e, através do discurso, cria-se um mundo próprio, pintado com cores próprias, imagina-se as modulações de voz, revive-se a leitura quantas vezes se desejar. **2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO ALUNO** Para uma aprendizagem significativa do cidadão a leitura é o caminho mais importante, pois é através dela que se pode enriquecer o vocabulário, ampliar o conhecimento, exercitar o raciocínio e elaborar uma interpretação. Algumas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro e isso provavelmente acontece por falta de hábito de ler. Quando não se tem o a leitura como um hábito, não se consegue apreciar uma boa obra literária, textos de jornais e revistas, ou escolher a leitura predileta. O mundo da leitura conta com diversos tipos de leitura, fechando o círculo para desculpas fragilizadas. Cagliari (2002, p.150) confirma esse posicionamento, colocando que:

Há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeiro. As pessoas que não leem são pessoas vazias ou subnutridas do conhecimento. É claro que a experiência da vida não se reduz a leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas pessoas analfabetas conseguem

às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de serem pessoas vazias.

Só as experiências de vida, no entanto, já não garantem o sucesso do cidadão, nem sempre garantem espaço no mercado de trabalho. Certamente, pessoas com uma bagagem maior de conhecimentos encontram mais portas abertas. Nesse sentido, a escola que proporciona leitura aos alunos garante o passaporte para uma elevada formação do aluno cidadão, independente da faixa etária, etnia ou religião. A leitura proporciona ao aluno novos olhares sobre o mundo, além de permitir-lhe redirecionar suas ações, se for o caso. Saber ler e usar esta leitura na sociedade é importante, porque é preciso aprofundar-se na própria cultura e conhecer outras culturas; observar o espaço onde se está inserido e outros para poder decidir onde se quer estar. A leitura permite conhecer o mundo e as culturas, comunicar e sonhar, descobrir que muito se tem a descobrir. Cagliari (2002, p. 173 e 174) afirma que:

Uma pessoa que não conhece uma cultura tem dificuldade em ler textos produzidos por ela, mas, para adquirir os conhecimentos dessa cultura, quando possível, é interessante ler não só o que os outros disseram a respeito dela, mas o que ela mesma produziu. Esse impasse é maior quando se começa a aprender a ler. Alunos de culturas diferentes, mesmo vivendo numa mesma cidade e colocados numa mesma sala de alfabetização, reagem de maneiras diferentes aos textos que lhes são apresentados. A leitura reflexiva e crítica tem sido muito cobrada em concursos públicos; as questões objetivas e subjetivas focam a gramática normativa nos vários textos que exigem do candidato mais raciocínio e posicionamento diante dos temas abordados. Brandão e Michelitti (*Apud* Chiappini, 1998, p. 22) afirma que:

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limita à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas. Enfim, a leitura tem suma importância para as transformações na vida do sujeito. Quem lê desde cedo está muito mais

preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida, pois a leitura facilita a escrita, ou seja, quem lê mais escreve melhor com melhor precisão mediante a língua culta. Desta forma, tratar-se-á no próximo capítulo sobre o ponto crucial para a cidadania, que é a formação de um aluno leitor com ampla visão de leitura na escola. **3 A PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR** Grandes são os desafios enfrentados pelas pessoas no dia a dia, exigindo delas mais conhecimento, mais leitura, por isso, hoje, mais que nunca está lançado à escola o desafio de fazer com que os alunos leiam com domínio e desenvoltura de pensamento. A escola é a parceira imprescindível para o despertar pela leitura, pois é o local onde se inicia a parte verdadeiramente científica da leitura e, embora, muitas vezes, em casa, não se tenha esse olhar para a leitura, não se pode deixar de destacar a importância do país nos primeiros contatos da criança com a leitura e para que a criança, durante a escolaridade sinta prazer em ler. É muito importante que a escola contribua para a preparação dos indivíduos, tornando-os sujeitos capazes de participar do processo de desenvolvimento da aprendizagem. Esse precisa ser objetivo de toda a escola e é através da leitura dos textos diversos que o aluno poderá adquirir o hábito de ler e buscará o contato com variadas obras que o auxiliará no desempenho das diversas atividades futuras. O gosto pela leitura resulta de boas práticas de leitura, organizadas em ambientes acolhedores, que a escola precisa proporcionar à clientela; os alunos necessitam estar inseridos em um espaço devidamente acolhedor, onde possam ter acesso ao acervo da escola. Além da biblioteca, é importante que haja um ambiente - aqui denominado "sala de leitura" - que tenha uma boa estrutura, com arejamento, ventilação, móveis adequados, acervo atualizados e diversificados, além de um profissional competente que deixe o ambiente instigante. Além disso, faz-se necessário que os profissionais tenham um planejamento com o objetivo de trabalhar a leitura na escola de forma intensificada; não só o professor de Língua Portuguesa, mais também os outros docentes, uma vez que muitos alunos não têm oportunidades para leitura no seio familiar. Então, quanto mais organizada e estruturada for a sala de leitura, o trabalho com os textos será mais fácil, desenvolvendo o gosto pela leitura. Nesse sentido, é importante oferecer uma grande variedade de textos e respeitar as formas de se fazer leitura nesse ambiente. Considerando os diversos tipos de leitura, o espaço destinado a ela deve ser um ambiente atrativo, com

acústica boa, mas com dois ambientes: um para leitura em voz alta e outro para leitura silenciosa, organizados para facilitar o acesso aos livros. Cagliari (2002) afirma que a leitura silenciosa facilita a compreensão do leitor, porque ele retoma o texto lido tantas vezes sejam necessárias para que ele o interprete. É um exercício de muitas idas e vindas que respeita a habilidade do leitor, que gasta o tempo necessário à decodificação das letras, palavras, frases, acentuação, pontuação, de forma a modular a voz de acordo com o sentido exigido na leitura. A leitura silenciosa é necessária na escola e fora dela; depois dela, pode tranquilamente solicitar a leitura em voz alta, na íntegra, sem fragmentações, pois só se compreende um texto no todo. Destaca-se que o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ FNDE, através do Programa Nacional de Biblioteca Escolar/ PNBE, tem investido muito em variados acervos bibliográficos destinados a toda faixa etária, tanto para o aluno quanto para o professor. Os livros para professores são de várias áreas, para estudos individuais ou em grupo e são obras atualizadas. Muitas escolas, porém, mantêm os livros encaixotados e empoeirados e, por vezes, fora da área da biblioteca. Por menor que seja a escola, há como organizar um espaço para leitura, propício à formação de um aluno/leitor, e, também, tem como determinar um tempo de estudo em grupo para os professores. Basta apenas boa vontade e planejamento. Um professor poderia ficar responsável pelo estudo num dia, o outro no momento seguinte e, assim, tornar-se-ia possível realizar leituras e discussões em grupo, a fim de aprimorar o que já se sabe e dividir conhecimentos e experiências com os demais professores. A prática de leitura traz consigo grandes desafios e inúmeros obstáculos, pois, muitas vezes, o próprio livro didático não oferece leituras interessantes ou criativas, o que dificulta o trabalho do professor em sala de aula. Os textos normalmente são escolhidos para servirem ao estudo gramatical. Quando o professor assume seu papel de formar e dar continuidade ao hábito da leitura, revertendo situações desfavoráveis ao estímulo da leitura, estará garantindo uma educação emancipadora e uma vasta visão crítica de mundo. Assim, uma forma de cultivar o gosto pela leitura nos alunos é que os próprios professores gostem de ler e também de ouvir os alunos lendo. Também é importante que o professor acompanhe gradualmente o processo de evolução dos alunos no tocante à leitura, sem fazer bruscas cobranças, o que representa uma postura de confiança em relação à educação e à

construção do conhecimento. Ao professor cabe ainda desenvolver, no contexto escolar, ações que visem integrar os alunos diretamente com o texto literário, evidenciando-se, assim, as especificidades deste texto e não apenas abordando-o de modo fragmentado, pois, provavelmente, o professor não conseguirá formar leitores conscientes e críticos a respeito do papel da obra literária em suas vidas. No que diz respeito ao que pressupõe o ensino da leitura, Silva (1991, p. 103 e 104) diz que

O ensino da leitura sempre pressupõe: (1) finalidades, ou seja, os objetivos que orientam a ação pedagógica do professor; (2) conteúdos, ou seja, os textos selecionados e colocados à disposição da cognição dos alunos; e (3) as pessoas envolvidas no processo, ou seja, as características dos alunos para quem se dirige o trabalho pedagógico. Falar em finalidades para o ensino da leitura significa estabelecer as funções que ele deve cumprir na escola e na sociedade.

Um trabalho de leitura bem sucedido implica que os professores sejam bons leitores e dominem um bom repertório de leitura. Os alunos precisam de um exemplo em sala para que tenham progresso no aprendizado da leitura e isso deve vir da parte do professor que gosta de ler, incentivando os discentes a lerem outros livros para além do livro didático. Ainda segundo mesmo autor:

Parece-me que a condição básica para ensinar o aluno a ler diz respeito à capacidade de leitura do próprio professor. Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino é necessário que o professor seja, ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas de nada vale o velho ditado 'Faça como eu digo (ou ordeno!) não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer!)' – isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura.(SILVA, 1991, p.109).

Não basta, portanto, o professor querer ensinar os alunos a lerem, é necessário ensinar a gostar de ler, oferecendo os mais variados tipos de leitura, clássicas e atuais, verificando a aptidão do aluno, mostrando outros livros além dos didáticos, levando também para seus alunos sugestões de outros livros e, principalmente, direcionando a leitura para instigar, aguçar o desejo do aluno, desafiando-o a ler todo o livro e a buscar outros mais. O

professor também pode fazer uso da tecnologia, aliando-a à própria prática docente, utilizando os recursos da escola e dos próprios alunos para facilitar o acesso a vários tipos de leitura. Inserir o aluno no mundo letrado que hoje perpassa intensamente pelo mundo virtual. Portanto, o ensino de leitura na escola ainda precisa melhorar na forma como é visto na própria conceituação do que é leitura, de como a leitura é avaliada pelas equipes de professores, bem como da visão do papel que a leitura ocupa na proposta pedagógica da escola. Leitura não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem as quais não é possível proficiência, pois leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto. É por isso que o professor precisa ser um orientador e facilitador no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Solé (1998, p.40) acrescenta que “exista ou não um ambiente privilegiado, o mais importante é mesmo o trabalho de leitura que se faz. A formação de leitores não depende da existência de um local determinado”. Portanto, já não cabe mais a desculpa de não realizar um bom trabalho por falta de espaço específico, pois o espaço por si só não garante a qualidade do trabalho. Compreende-se, portanto, que a leitura de um texto exige muito mais que o reconhecimento de elementos linguísticos, exige a presença de um sujeito ativo que analise o texto guiado pelos objetivos (pois, sempre se tem uma finalidade ao ler um determinado texto, seja por lazer, busca de informação ou para cumprir uma obrigação/tarefa) e pelo conhecimento prévio. Para isso, é imprescindível o papel do professor como agente orientador dos alunos e mediador do processo de ensino aprendizagem. **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e descritivo, numa perspectiva qualitativa. A análise bibliográfica, conforme a abordagem proposta por Gil (2002), utiliza material já elaborado, constituído principalmente de livros, revistas, jornais, redes eletrônicas e artigos científicos. Na análise descritiva, fez-se uma abordagem qualitativa conforme Oliveira (2007, p.37), revela “um processo de reflexão e análises da realidade através de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. O espaço da pesquisa foi uma escola municipal, sediada no município de Igaci – Alagoas. Ela funciona nos três turnos, com o Ensino Fundamental II

(6º ao 9º Ano). É importante destacar que praticamente todos os professores adotam a mesma prática de trabalho com leitura. Por esse motivo deu-se a opção pela amostra probabilística intencional. Oliveira (2007, p. 89-90) aponta que:

Nesse tipo de amostra todos os componentes ou sujeitos têm igual probabilidade de serem selecionados e, que o pesquisador deve ter conhecimento de todos os elementos e da totalidade de sujeitos para determinar a sua amostra através de sorteio ou de outro critério ou técnica que achar viável e confiável.

Quanto aos sujeitos informantes desta pesquisa, foram dois professores e 33 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, que estudam no turno vespertino da referida escola e que responderam a dois questionários, com perguntas abertas e fechadas: um para a categoria professor – com dois blocos: A para informações sobre o entrevistado e B para a percepção sobre o trabalho com a leitura; e outro para categoria aluno, também, com um bloco A, para percepção sobre a escola, e um bloco B, para a percepção sobre o aluno. Cabe ressaltar que a opção pelo questionário deve-se ao fato de ser:

Uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todos e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo. Enfim, o questionário tem como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais. (OLIVEIRA, 2007, p.83)

Observa-se que o questionário semiestruturado se adequa perfeitamente ao tipo de pesquisa desenvolvido, pois, segundo Martins (2008), é:

Considerado uma estratégia metodológica importante e popular no processo de coleta de dados para uma pesquisa de caráter social por se tratar de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever (MARTINS, 2008 apud AMARAL, 2011, p. 45). Feita essa investigação através de questionário, o pesquisador buscou interpretar as respostas, fazendo analogia às teorias estudadas. Dessa forma, o questionário ajudou na organização desta pesquisa e na coleta desses dados que serão agora discutidos. **5 DIALOGANDO COM OS**

**RESULTADOS ENCONTRADOS** 5.1 Dos dados informados pelos professores Foi aplicado um mesmo questionário a dois professores de Língua Portuguesa, da escola foco da pesquisa, com o objetivo de investigar a percepção deles sobre o trabalho com a leitura, bem como a metodologia que utilizam para desenvolver trabalhos direcionados à leitura. No bloco "A" de informações do entrevistado, registrou-se, dentre os professores, um habilitado em Letras Português/Inglês e com especialização em Língua e Literatura Portuguesa; o outro, ainda está em processo de graduação em Letras- Inglês. O primeiro está inserido na faixa etária de mais de 50 anos e com mais de 10 anos de experiência. O segundo, na faixa etária de 25 a 30 anos e com apenas dois anos de experiência. Os dois possuem jornada de trabalho de 40 horas semanais distribuídas em mais de uma escola. A partir de agora, o primeiro professor será denominado de professor A e o segundo de B, para facilitar a análise e compreensão dos dados coletados. Sobre as questões do bloco B, a respeito do trabalho com a leitura, os professores responderam: Questão 1: A metodologia utilizada para o trabalho a leitura em sala de aula - O professor A responde que a metodologia utilizada é a leitura compartilhada. O professor B informou os recursos que faz uso, dentre eles: livros, revistas, jornais, livros de literaturas. Questão 2: As principais dificuldades encontradas ao trabalhar com leitura em sala de aula - Os dois professores disseram que a maior dificuldade é a falta hábito de leitura, pois a maioria dos alunos não gosta de ler. Questão 3: O livro e autor do livro didático adotado - No Ensino Fundamental, é adotado **Tecendo Linguagens**, organizado por Tânia Oliveira, Elizabete G. de Oliveira Silva, Cícero de Oliveira Silva e Lucy Aparecida Melo Araújo - a editora não foi indicada. Para o Ensino Médio, foi adotado **Português: Contexto, Interlocução e sentido**, da Editora Moderna. Questão 4: Outros textos utilizados, além dos textos do livro didático - O professor A destacou que utiliza contos e romances; o professor B, que utiliza jornais e revistas. Questão 5: A maior dificuldade dos alunos diante da leitura - A respondeu que aluno não tem costume de ler; B disse que sua maior dificuldade está em trabalhar interpretação de texto. Questão 6: Visitas dos alunos à biblioteca/sala de leitura ou indicações de livros para leitura extra classe - O professor A afirma que tanto leva os alunos a sala de leitura como também sugere outros livros. B afirmou que não tem o hábito de levar os alunos à sala de leitura e não deixou claro em sua resposta que indica

outros livros para leitura, mas ressaltou que realiza todo trabalho em sala de aula. Questão 7: Frequência de trabalho específico com leitura em sala de aula - Os dois professores afirmaram que trabalham semanalmente com leitura e, quando não há oportunidade, quinzenalmente. Questão 8: Atividade posterior à leitura em sala de aula - Ambos professores sinalizaram para, além da produção de texto e interpretação, o trabalho com gramática sobre o texto. Questão 9: Mensagem para os alunos que não gostam de ler - Os professores disseram que a essência da vida estudantil está nas leituras realizadas, porque abrem os caminhos para o sucesso. Questão 10: O poder da leitura frente à formação do cidadão - A respondeu que não existe outro caminho para o verdadeiro exercício da cidadania se não pela leitura; B destacou que a leitura abre novos caminhos para o sucesso.

5.2 Dos dados informados pelos alunos No primeiro bloco, buscou-se conhecer um pouco sobre a escola na concepção do aluno. O segundo bloco teve como objetivo levantar informações sobre os alunos e sua visão sobre o trabalho de leitura realizado na escola e se a leitura tem impacto na formação escolar. Dentre os 33 (trinta e três) alunos que responderam ao questionário, 29 (vinte e nove) estão na faixa etária de 13 (treze) a 15 (quinze) anos e 04 (quatro) de 16 (dezesesseis) a 18 (dezoito) anos. Depreende-se que, de forma geral, a maioria se encontra dentro da faixa etária que corresponde ao 9º Ano do Ensino Fundamental. É importante considerar que este fator tem influência no processo ensino e aprendizagem, pois, quanto mais o aluno estiver próximo da idade/série, melhor serão os resultados no desempenho escolar. Vários são os motivos que levam os alunos a gostarem de ler, mas o que predominou foi que gostam de ler para enriquecer os conhecimentos. Destaca-se que mesmo aqueles alunos que estão fora da faixa etária, também, deram a mesma resposta. Assim, para o quesito: Você gosta de ler?

Dos 33 (trinta e três) alunos entrevistados, 22 (vinte e dois) gostam de ler e 11 (onze) não gostam de ler. Do total de entrevistados, na questão: Em sua turma há aula destinada à leitura?

28 (vinte e oito) alunos afirmaram que existem aulas na turma destinadas ao trabalho de leitura, enquanto 04 (quatro) dizem que não há esse espaço e 01 (um) não respondeu a questão. Quando se fala em tipos de leitura o gosto na turma pesquisada foi diversificado. Assim, a pesquisa apontou para: 17 (dezesete) alunos que gostam de romance, 03 (três) de contos,

01 (um) de jornal, 15 (quinze) de revistas. Dentre os suportes textuais utilizados pelo professor para trabalhar a leitura em sala de aula, 21 (vinte e um) alunos disseram que é utilizado, com mais frequência, o livro didático e os livros literários. Acredita-se que tal uso se respalda no acervo disponibilizado para as escolas públicas através do PNBE/FNDE. Apenas 01 (um) aluno indicou o jornal, enquanto 02 (dois) se abstiveram da questão. No quesito: Após a leitura que atividade seu professor propõe?

Como de praxe, a tarefa, depois da leitura, na maioria das vezes, é a produção e interpretação de texto. Não houve outra resposta, pois, 17 (dezesete) disseram que é produção de texto e 16 (dezesesseis) interpretação de texto. Ao serem indagados sobre o que mais agrada na leitura em sala de aula, a maioria dos alunos (26 – vinte e seis) afirmou que é a participação e interação da turma. E 04 (quatro) alunos disseram que são os novos conhecimentos adquiridos com a leitura. Também 03 (três) alunos responderam que o debate é o que mais os agrada. Dos 33 (trinta e três) anos, 20 (vinte) alunos disseram que os textos trabalhados em sala de aula muitas vezes não são atrativos, 09 (nove) indicaram como negativo ao processo de leitura o barulho da própria sala, 01 (um) disse que as palavras novas faz com que não se agrada pela aula, 01 (um) destacou que a produção de texto é o que não o agrada. Somente 02 (dois) alunos não responderam a questão, a saber, o que mais e menos te agrada na leitura em sala de aula?

No quesito: O que você sugere para que a aula de leitura em sala seja ideal? Do total de alunos, 23 (vinte e três) disseram que é preciso uma sala específica para a leitura, 07 (sete) acreditam que as aulas devem ser diferentes e 03 (três) disseram ser necessária mais interpretação. Quando indagados sobre a frequência que leem, 11 (onze) alunos disseram que leem sempre, 12 (doze) alunos disseram que leem quase sempre, 08 raramente e 02 (dois) nunca leem. Como preferência de leitura, 21 (vinte e um) alunos indicaram ter preferência pelo Romance. Acredita-se que seja pela idade, pois, estão nos momentos de vivenciar sonhos de romance. 06 (seis) alunos gostam de Histórias em Quadrinhos, 05 (cinco) de Conto e, 01 (um) de Ficção ou outro tipo. Perguntados sobre qual o último livro que leram, surpreendentemente, 27 (vinte e sete) alunos indicaram diversos livros (Culpa das Estrela, A Moreninha, O mundo de Sofia, dentre outros). 03 (três) não responderam a questão e 03 (três) disseram que não se

lembravam do nome do livro, mas afirmaram ter lido recentemente. Evidencia-se, que o desafio de o professor trabalhar a leitura na escola é grande, pois, em casa, não está havendo, pelo menos no caso desses informantes, um incentivo por parte dos pais para a prática de leitura. Isso foi comprovado pelo quesito: Já ouviu seus pais lendo?

Como resposta, 18 (dezoito) alunos afirmaram que nunca ouviram seus pais lendo, 14 (catorze) disseram que leem e 01 (um) disse ouvir raramente. Para o quesito: Você acredita que os conhecimentos adquiridos com a leitura em sala de aula poderá ajudar em seu cotidiano?

A maioria dos alunos apontou que a leitura ajuda no seu dia-a-dia. Com isso, 21 (vinte e um) acredita que ajuda MUITÍSSIMO, 05 (cinco) Muito, 01 (Um) Pouquíssimo e 06 (Seis) Não sabem se ajuda. Nesta questão, você acredita que a leitura liberta o cidadão da opressão, medo e injustiça?

30 (trinta) alunos afirmaram que a leitura dá liberdade ao cidadão, libertando-o da opressão, do medo e da injustiça. E, apenas 03 (três) disseram que não. Por fim, a questão: Que mensagem você deixaria para as pessoas que não gostam e não valorizam a leitura?

Dentre as curtas mensagens deixadas por 29 (vinte e nove) alunos, destaca-se: "ler é importante para a vida"; "a leitura é a porta para o conhecimento e o sucesso"; "leitura é a chave para o futuro"; "ler é conhecer outras realidades"; "a leitura enriquece a mente"; "sem a leitura não somos nada"; "a leitura é o ponto de partida que levará a vitória". Apenas 04 (quatro) alunos não deixaram mensagem. Portanto, observa-se pelas respostas dadas tanto pelos professores quanto pelos alunos, que a leitura é trabalhada em sala de aula e que, ainda que um ou outro aluno ainda não tenha o hábito da leitura e não tenha compreendido a importância da leitura, os professores insistem nesta atividade, porque sabem o quanto ela é importante para a sociedade. Os alunos também mostraram que gostam de ler, embora o ambiente não seja propício e a leitura nem sempre seja a que eles gostam. **7 CONSIDERAÇÕES** Geralmente, entre professores, diz-se que, por ser um elemento básico do ensino, o trabalho com leitura deve ser desenvolvido de forma significativa e sem complicações. Entretanto, isso não mostra a realidade vivenciada nos diversos ambientes escolares; ao contrário, existem grandes barreiras que dificultam o trabalho do professor, o que justifica o estudo aqui apresentado. Fundamental para a base do desenvolvimento do aluno, a leitura não se

caracteriza como atividade prazerosa nas salas de aula e nem nos ambientes familiares. Nesse sentido, esta pesquisa revela, por meio de questionário aplicado a 2 (dois) professores de Língua Portuguesa e 33 (trinta e três) alunos, dados relevantes com relação à prática de leitura naquele contexto escolar e, também, levando-se em conta a opinião dos alunos, um direcionamento para melhoria do trabalho com a leitura. A hipótese de que os professores estão investindo mais em leitura na sala de aula confirmou-se tanto nas respostas dos professores quanto na dos alunos, nos questionários aplicados. Percebe-se que os professores disseram que trabalham leitura compartilhada e utilizam livros, revistas, jornais, livros de literaturas em sala de aula. Os docentes sabem da importância da leitura, mas relatam que as dificuldades vão da falta de hábito de leitura à dificuldades de interpretação, o que é esperado, considerando que uma é decorrente da outra. Constata-se que os professores ou levam os alunos à biblioteca ou indicam leituras e trabalham na sala de aula, semanalmente ou quinzenalmente, e, ainda, que após a leitura ocorre a interpretação e o trabalho com a gramática. Do total de alunos que respondeu ao questionário, a maioria está inserida na faixa etária de 15 (quinze) a 18 (dezoito) anos e gosta de ler. Os informantes disseram que há um tempo destinado à leitura nas aulas de Língua Portuguesa, quando são lidos, na maioria das vezes, Romances e Revistas. O livro didático e o literário são recursos utilizados no trabalho com a leitura. Constatou-se, ainda, o trabalho de interpretação e produção de textos após a leitura e que os alunos gostam de interagir sobre as leituras realizadas, entretanto disseram que leituras pouco atrativas e o barulho interferem na qualidade do trabalho com a leitura. Os alunos acreditam que uma sala específica para a prática de leitura acarretaria em melhor trabalho. Quanto à frequência de leitura, os informantes se distribuíram entre as seguintes opções: sempre, quase sempre e raramente. Eles disseram que o Romance é o tipo de texto mais lido por ele e a maioria indicou a última obra lida, o que é de grande valia, considerando que a maioria dos alunos disse que nunca ouviu os pais lerem. Esse gostar de ler pode ser traduzido na afirmação de que acham muitíssimo importante a leitura para o próprio cotidiano e, ainda, por acreditarem que ela liberta o cidadão da opressão, do medo e da injustiça. Nota-se, no estudo feito, que as respostas dos professores são comprovadas pelas respostas dos alunos e que os docentes estão tentando fazer com que o

aluno goste de ler. Se a escola conseguir transformar a leitura numa atividade que todos participem de forma dinâmica e prazerosa, o educador passará de transmissor a mediador e o ato de ler deixará de ser um processo mecânico de decodificação e tortura. A leitura é o veículo básico e essencial para a inserção do indivíduo na sociedade e, por isso, deve-se desenvolver por meio da interação prazerosa do leitor com o texto. Destaca-se a importância da leitura com os paradigmas tradicionais, onde as práticas de leituras possuem fins didáticos e utilitários na transmissão das informações dadas pelo professor, tomando por base não apenas o currículo escolar. Quando a escola e a família entendem a leitura como processo não linear o aluno/leitor começa a atribuir significados ao mundo e não apenas ao texto que está lendo, cabendo ao professor exercer o papel de mediador, abrindo espaço para o encantamento e o prazer. Assim, entender o ato de ler torna-se relevante no sentido de buscar meios viáveis para a formação de leitores proficientes. É importante também ter-se em mente que a formação do leitor consciente é também a formação do ser humano sensível, inteligente e disposto a exercitar sua cidadania de forma autônoma e crítica. Portanto, frente à pesquisa feita, conclui-se que se pode começar a trabalhar a leitura, não simplesmente como algo obrigatório, como podem fazer algumas escolas, mas como atividade dinâmica e propulsora de conhecimento com prazer.

**REFERÊNCIAS** BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3 vol. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Scipione, 2002. \_\_\_\_\_. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Scipione 2005. GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo, Ática, 2006. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998. LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor [recurso eletrônico]: leitura e literatura na sala de aula**. Porto alegre: Artmed, 2010. MARTINS, G. de A. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008. OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A Leitura no contexto escolar**. In: Magnani, Maria Aparecida et al. (Org.) *Leitura:*

Caminhos da aprendizagem. São Paulo: FDE, p. 63-70.1990.  
\_\_\_\_\_. **De olhos abertos / Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. 2º ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Licenciado em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim - FABEJA-PE. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Professor da Rede Municipal e Estadual de Alagoas. Atualmente desenvolve as atividades profissionais na Escola Municipal Deputado Medeiros Neto - Igaci-AL, e na sede da 3ª Gerência Regional de Educação, em Palmeira dos Índios-AL.

Recebido em: 02/05/2016

Aprovado em: 08/05/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: